
RESENHAS

OS INTELECTUAIS E A REVOLUÇÃO FRANCESA

Gens de lettres gens du livre, de Robert Darnton.

Edition Odile Jacob, 1992. 302 p.

Tradução do inglês Marie-Alyx Revellat.

Alzira Alves de Abreu

Robert Darnton mais uma vez utilizou os arquivos da Société Typographique de Neuchâtel para analisar a França pré-revolucionária. A consulta aos documentos da editora suíça que divulgou os filósofos do Iluminismo já lhe havia permitido a elaboração de alguns de seus mais importantes livros, como *A aventura da Enciclopédia*, de 1982, *Boemia literária e revolução*, de 1983, e fornecido parte dos dados que compõem *Grande massacre dos gatos*, de 1985, e *Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*, de 1991.

Neste livro recém-lançado sobre escritores e livreiros, Darnton se propõe explorar o ingrediente literário existente na cultura revolucionária que eclodiu em 1789. Entenda-se: o termo literatura é usado no sentido de sistema de comunicação, cujas peças-chaves são os autores, editores, livreiros e leitores. Darnton não está interessado nos textos literários. O que seu livro pretende estudar é, de um lado, a crescente importância da *intelligentsia* enquanto força social, e, de outro, o papel dos livros e da indústria gráfica enquanto meio de difusão de idéias. *Gens de lettres gens du*

livre divide-se em duas partes, em função dessas duas vertentes. Cada uma delas contém estudos biográficos, como forma de introduzir o fator humano nesse tipo de história cultural. Ao observar a ascensão e o declínio de autores individuais, Darnton espera descobrir as regras do jogo do mundo literário e entender como a literatura contribuiu para a revolução cultural que se processou no interior da Revolução de 1789-1794.

O estudo se inicia com o perfil e a trajetória de um personagem, o abade Le Senne, que é a encarnação dos temas desenvolvidos por Voltaire em *Le Pauvre Diable* e por Diderot em *Le Neveu de Rameau*. Le Senne serve para ilustrar um dos aspectos de difícil compreensão da literatura do Antigo Regime, ou seja, a operação através da qual as idéias formuladas pelos filósofos chegaram até os leitores. Ele representa os “pobres diabos” que se dedicaram a compilar, resumir, vulgarizar e difundir as idéias dos iluministas, e participaram assim desse movimento histórico que buscava conquistar a opinião pública. Le Senne foi retirado do anonimato por Darnton, que o encontrou nos arquivos da Société Typographique de Neuchâtel, nas cartas que escreveu entre 1780 e 1784 para os editores suíços em busca de emprego. Essa correspondência permitiu a Darnton reconstituir o meio social e o modo de vida de seu personagem.

Le Senne, protegido de d’Alembert, era um padre anticlerical, adepto das idéias dos filósofos iluministas, que concentrou toda a sua cólera contra o “despotismo episcopal”. Isso o levou à clandestinidade, a sofrer perseguições da polícia e a se tornar um marginal. Ele foi portador de uma ideologia, falou em nome de uma *intelligentsia*, a dos “pobres diabos”, e contribuiu para o desenvolvimento de uma campanha de propaganda que preparou 1789.

Em seguida Darnton procura analisar as condições para o sucesso na carreira literária durante o Antigo Regime. Ele indica que três condições básicas deviam se combinar: talento, proteção e sorte. Para demonstrar a importância dessa combinação, utiliza o livro de memórias do padre André Morellet, em que este conta sua ascensão ao primeiro plano do mundo das letras no período anterior a 1789. O padre Morellet nasceu em 1727, filho de um comerciante de papel, estudou em um colégio jesuíta e aí destacou-se como aluno brilhante, o que permitiu que aos 14 anos, em lugar de ser enviado para o aprendizado de um ofício, continuasse seus estudos em um seminário parisiense com uma espécie de bolsa obtida por interferência de um tio. O seminário era um dos meios mais seguros para uma carreira eclesiástica, e a Igreja a melhor via para a ascensão social dos que não tinham posses. Após o término dos estudos secundários, Morellet foi aceito na Sorbonne como aluno de teologia. Seus colegas de universidade, entre os quais figuravam Turgot e Loménie de Brienne eram filhos da aristocracia e destinavam-se a altas funções na Igreja. Seus estudos universitários foram feitos graças a uma feliz circunstância: um primo recebeu uma herança inesperada e emprestou-lhe o dinheiro, que garantiu a sua sobrevivência durante os cinco anos de curso. Ao terminar a Sorbonne, Morellet conseguiu um emprego de preceptor do filho mais novo do marquês de La Galaizière, chanceler de Lorraine a Barrois, graças à recomendação de um antigo professor do seminário. A partir daí tem início a sua carreira, e são estabelecidas relações que vão se transformar em proteções que lhe fornecem fontes de renda. Esse percurso lhe permite chegar a ser um homem rico e com prestígio social.

O primeiro emprego de Morellet possibilitou-lhe travar conhecimento com outros jovens aristocratas e, pelo canal da Igreja, estabelecer relações com os enciclopedis-

tas, chegando até Diderot. Em 1756 passou a escrever para a Enciclopédia. Mas a defesa dos filósofos, que nesse período sofriam forte repressão, levou-o à prisão. Voltaire, Diderot e D'Alembert se empenharam em sua libertação, e quando Morellet saiu da Bastilha transformou-se em uma grande personalidade, passando a frequentar todos os célebres salões parisienses.

Através de suas memórias é possível seguir os caminhos que teceram suas ligações com o mundo das letras, da política e das finanças e perceber como Morellet aprendeu as regras do jogo e como soube jogar. Um pouco antes da queda da Bastilha, já era um homem rico, graças às numerosas pensões que havia acumulado. Também era membro da Academia Francesa para a qual foi eleito em 1785. Mas perdeu tudo com a Revolução de 1789.

Levando em conta as deformações existentes neste relato, Darnton propõe que se faça uma comparação sistemática com a correspondência de Morellet. O tom de suas cartas é diferente do utilizado nas memórias, é um tom amargo, que mostra uma pessoa inquieta, às vezes desesperada. Morellet fala aí da literatura como um campo de batalha, da busca de pensões como uma sucessão de perdas, da luta para encontrar um protetor como uma constante fonte de decepções. O tema da decepção, do perigo, da fragilidade de sua situação, o medo de chegar à velhice sem meios, são uma constante na sua correspondência, ao contrário do que aparece no livro de memórias, em que Morellet se apresenta como um homem de sorte, príncipe dos salões literários.

Darnton conclui que nem a correspondência nem o livro de memórias dão uma idéia exata da carreira de Morellet e mostra que é importante considerá-los como textos diferentes, cada um com uma tendência retórica própria. As cartas são documentos cuidadosamente construídos, cujo estilo se adapta às circunstâncias. Morellet é franco

com uns, cortês com outros, ora é bajulador, ora brincalhão. Nas memórias o tom é sempre o mesmo, a narrativa busca acentuar a dignidade da vida literária no Antigo Regime. Em comparação com a correspondência, seu aspecto fictício é evidente. Mas aqui a ficção não é falsa, apenas exprime as deformações criadas quando se olha o reinado de Luís XV e Luís XVI pelo prisma de subversão revolucionária.

A análise de trajetórias e carreiras literárias tem seus limites, já que nem sempre um caso individual é representativo de um todo. Por isso mesmo Darnton busca descrever o mundo literário da França em seu conjunto durante o século XVIII e fornece estimativas de suas dimensões, de sua demografia e de seu lugar na ordem social do Antigo Regime. As ideologias que dividiam o mundo nesse período são apresentadas da forma como se colocavam para os homens de letras no seu cotidiano, e não de forma abstrata, como acontece nos estudos sobre o Iluminismo. Darnton quer mostrar como elas se introduziram na vida dos escritores e se disseminaram no território cultural chamado no século XVIII de "França literária". Em função disso, examina dois casos específicos – um que diz respeito à maneira como os enciclopedistas eram vistos e percebidos pela polícia parisiense e outro ligado à maneira como os rousseauianos se tornaram um elemento de especulação na bolsa pré-revolucionária.

No primeiro caso, Darnton busca reconstituir a vida intelectual tal como ela foi vivida pelos seus atores e tal como foi vista pela polícia. Para isso utiliza os relatórios preparados pelo inspetor Joseph d'Hémery, que entre os anos de 1748 e 1753 se dedicou a levantar dados sobre autores e seus textos. São 501 relatórios, que constituem quase um recenseamento da população literária antes da Revolução e se encontram hoje na Biblioteca Nacional de Paris.

A primeira pergunta que Darnton faz a essa documentação é sobre a posição dos enciclopedistas, partindo do princípio de que estes seriam os mais visados pela polícia. Entretanto, d'Hémery não lhes deu muita importância. Nos 501 relatórios só aparecem 22 entre os 200 colaboradores da Enciclopédia, e assim mesmo dispersos, sem relação direta com a obra de Diderot. Há vagas referências a um "dicionário enciclopédico". O interesse da polícia estava voltado para a qualidade ou ocupação do autor, o que ele escrevia, quem era a sua amante e quem era o seu protetor. D'Hémery mostra um grande respeito pelos filósofos, e deixa claro que um dos aspectos importantes do trabalho policial era resguardar a reputação dos homens do poder, tendo no alto de toda a hierarquia o rei, figura quase sagrada. A polícia se dedicava a esconder tudo o que podia dessacralizar o rei, impedindo inclusive que a família, os protegidos e as amantes do rei fossem atingidos.

Para compreender Voltaire, Diderot e Rousseau, Darnton não só traça o cenário das condições em que eles exerceram a sua atividade literária, como estabelece um quadro econômico e estatístico dos escritores às vésperas da Revolução Francesa. Com os dados obtidos chega à conclusão de que os escritores em sua maioria pertenciam à elite tradicional. Os escritores independentes, auto-suficientes, eram raros, e somente às vésperas de 1789 foi que começou a se formar uma *intelligentsia* na França. Ela girava em torno de Voltaire, Diderot e outros filósofos, mas ainda não tinha uma identidade social definida e lhe faltava uma base econômica.

Para Darnton, a Revolução Francesa implicou também uma revolução literária. Na medida em que a Revolução destruiu um modo de vida e criou um novo, opôs-se ao sistema cultural do Antigo Regime e transformou a cultura francesa, ela revolucionou também a literatura. Os revolucionários liberaram a imprensa, liquidaram

com a corporação dos livreiros, aboliram os monopólios da Comédia Francesa e da Ópera de Paris, destruíram as academias, fecharam os salões e anularam o sistema de proteção da corte.

Para comprovar essa tese, Darnton propõe a releitura do *Siècle de Louis XIV* de Voltaire e estabelece a oposição entre Voltaire e Rousseau, que representam a luta não só pelo domínio de bens simbólicos, mas também pela riqueza, posição social, poder e, finalmente, luta pela própria concepção de literatura.

A segunda parte de *Gens de lettres, gens du livre* é dedicada a história do livro, com ensaios sobre os livreiros, os leitores e a leitura. A preocupação de Darnton é enfatizar que a história do livro deve se tornar uma disciplina autônoma, o que exige entrar em território desconhecido, desenterrar novos materiais de arquivos e desenvolver novos métodos.

Darnton inicia esta parte do estudo tomando a obra *Question sur l'Encyclopédia*, de Voltaire, como exemplo de livro que influenciou um grande número de livreiros no século XVIII. Procura acompanhar o circuito percorrido entre a redação do texto por Voltaire, a impressão e a sua introdução nas bibliotecas. O papel do livreiro é visto como fundamental nesse processo de difusão, e por isso é descrito o trajeto do livreiro Isaac-Pierre Rigaud, estabelecido em Montpellier, em todas as etapas de compra e venda do livro de Voltaire.

Darnton está interessado em entender em que momento da história os escritores se liberaram da proteção da alta nobreza e do Estado e passaram a viver de sua própria produção literária ou filosófica, e como isso ocorreu. Indica que é possível responder a essas questões através de uma pesquisa sistemática sobre a evolução da *República das Letras* nos relatórios de polícia, nos almanaques literários e nas bibliografias.

O papel dos editores precisa ainda de um estudo mais sistemático, e os arquivos precisam ser melhor explorados e preservados, para que a história do livro contribua para a compreensão da vida social, econômica e política do período.

Sem dúvida, a riqueza de *Gens de lettres, gens du livre* e sua importância para o conhecimento do período pré-revolucionário estão na sua perspectiva de análise. Não foi a partir da ação dos grandes personagens, dos grandes gênios, das grandes obras literárias que Damton procurou o fermento revolucionário que eclodiu em 1789. Foi através da atuação de pessoas comuns, “homens e mulheres que fizeram e venderam livros, criaturas de carne e sangue”, que ele

elaborou uma análise histórico-sociológica da vida literária do período. Nesse livro se entrecruzam história, antropologia e sociologia. A análise da ação e do comportamento do indivíduo comum permite apreender o comportamento coletivo de uma época. Para construir esse quadro Damton se baseou em fontes as mais diversas, correspondência privada, relatórios oficiais, livros de memórias, textos filosóficos etc. Tudo isso é apresentado em uma linguagem próxima da literária, e sua narrativa, e seus personagens tomam a leitura extremamente rica e agradável.

Alzira Alves de Abreu é pesquisadora do CPDOC/FGV.